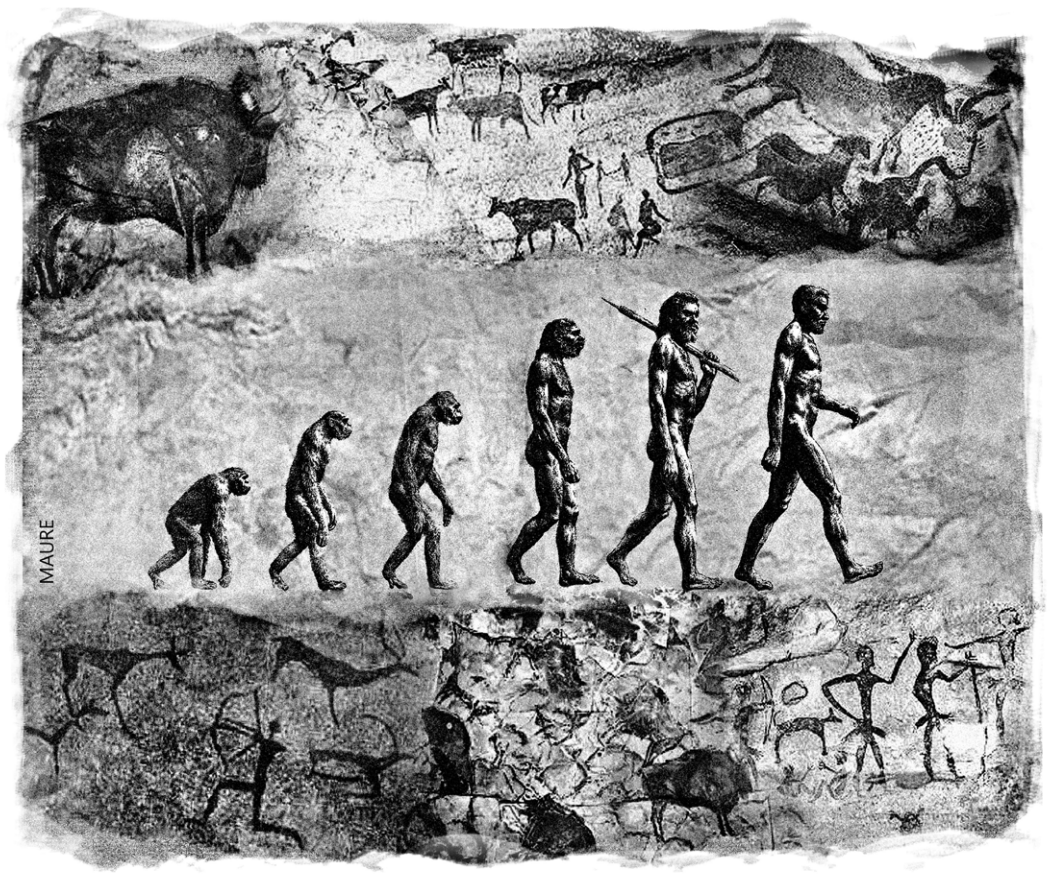
O mundo mais antigo



» SACHA CALMON
Advogado

Somos o ápice da evolução das espécies, segundo Darwin, do ponto de vista biológico, e protagonistas da "hominização", o que nos coloca em face de Deus do ponto de vista cristão, numa verdadeira epopeia.

A epopeia acima referida, é toda baseada no espírito e na tradição religiosa e se em verdade formos surpreender o homem em si mesmo, há vê-lo anatomicamente como uma estrutura animal, semelhante ao dos mamíferos, superiores e não como semelhante a Deus, puro Espírito. Refiro-me aos cinco sentidos que possuímos e aos órgãos internos comuns aos mamíferos superiores. Dois instintos básicos como neles estão em nós. O instinto de sobrevivência e o da perpetuação da espécie (conjunção sexual).

Deus está noutra dimensão e não há como vê-lo. *Homo necessitudinis* é o que somos, um "ser de necessidades" irredutíveis. Precisamos imediatamente de comer, obtendo da natureza nosso sustento, e de procriar, o que só é possível pelo estabelecimento de uma ordem social, evoluída da turba grupal para os regimes de matrimônio conhecidos pela antropologia, casamento por grupos, depois por clãs e finalmente poligamia à patre (referida ao pai) e a monogamia.

Apenas há dois mil anos, com o cristianismo, oriundo em parte do judaísmo, e depois com o islamismo (658 d.C), os regimes de casamento se estabilizaram no mundo inteiro incluindo na Ásia amarela (a China, tempos atrás, praticou a poligamia). Sob o cristianismo e islamismo há lugar, mas não a obrigação, da poligamia humanizada pelo predica de Maomé. O mundo cristão e o laico (Rússia e China como expoentes) praticam a monogamia, a tese do casal heterossexual como base da sociedade. Para uma visão histórica profunda e sagaz recomendamos a leitura de dois notáveis livros: *O fenômeno humano*, do Padre Teillard Chardin, e *A origem do Estado, da família e da propriedade*, de Fredéric Engels. Ambas estão traduzidas para o português.

Do conjunto dessas obras, intuímos que o homem como *homo necessitudinis* um ser de necessidades (sobreviver se alimentando e procriar para perpetuar a espécie humana) encontra na natureza a satisfação de suas necessidades agindo sobre ela, a princípio colhendo frutas, caçando e pescando e depois estabelecendo campos de cultivo, se apossando de trechos de terras, tornando-se gregário, fixado a um lugar, deixando de lado a vida nômade. Pouco depois surgem as primeiras cidades e Estados nacionais.

O pastoreio de animais a princípio ovelhas e cabras e tempos depois do gado vacum antecede o surgimento dos campos agricultáveis. A agricultura permitiu a humanidade no Oriente Médio, leste da Europa e na Ásia o surgimento de vilas e cidades e com isso o avultamento da política e do desenvolvimento do Estado e das leis.

Ao voltarmos ao passado na China e na Índia, diria por minha conta que o homem, ápice da evolução, surgiu na Ásia e não na África. Eles são muitos e, portanto, os mais antigos. Existem, entre as escolas de antropologia da América e da Europa, diferenças notáveis com aquelôutras da China e da Índia. O eurocentrismo nos domina. Contudo é indubitável a polêmica entre os unicentristas cristãos, embalados pela Torá judaica (Velho Testamento) com o mito de Adão e Eva, e os antropólogos laicos e os orientais que são multicentristas.

Para estes, a hominização ou o estágio em que homem tomou ciência e principalmente consciência de si e do mundo (cosmovisão) ocorreu em vários lugares e não temos como saber quando, e como isso aconteceu pelos vestígios achados na península ibérica, França sul da atual Rússia, Oriente dito médio ou melhor oriente próximo, Turquia, China e Índia, sem falar na Tasmânia.

O passado distante é um túnel esfumaçado. Para muito os vestígios do *homo sapiens* alcançam seiscentos mil anos, desde a barbárie até as primeiras civilizações. Destaca-se que as civilizações e nações organizadas somente surgiram há cerca de 18 mil anos na China e na Suméria, que inventaram a linguagem escrita, seguindo-se o Egito, tempos depois, com os hieróglifos.

Somos herdeiros de uma longa luta pela sobrevivência e pela conquista da terra-mãe, tão admiradas pelos incas no altiplano andino, quanto pelos chineses, daí o culto aos antepassados, que prepararam o nosso caminho, com sangue e determinação, numa luta constante contra as agruras da natureza hostil.

A adoração aos deuses para acalmá-los e proteger as gentes foi uma prática universal. No Egito antigo, a barca de Isis cruzava os céus todas as noites levando as almas dos mortos para o céu. Na Judéia cujo encontro com Deus era depois do apocalipse surge o Cristo que morre na cruz e ressuscita prometendo aos que tenham fé a ressurreição. É de se perguntar é a fé que salva? E os que não têm fé e vivem em continentes distantes da fé cristã? Morrem como todos os mamíferos superiores? Para sempre? O sono eterno sem pesadelos descarta o além incerto entre paraíso e inferno! (uma ideia jurídica de recompensa e castigo).

Alysson Paolinelli e o significado dos grandes líderes

» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
Pesquisador, foi presidente da Embrapa

A recente partida de Alysson Paolinelli, ex-ministro da Agricultura do Brasil e figura icônica no setor agropecuário, deixa uma lacuna profunda na história do país. Sua extraordinária trajetória é digna de reconhecimento e homenagem, pois ele foi muito mais do que um homem público e agrônomo renomado. Alysson Paolinelli personificou o significado dos grandes líderes, aqueles que transcendem as próprias realizações e deixam um legado duradouro.

A trajetória e as contribuições deixadas por Alysson Paolinelli são verdadeiramente imensuráveis. Desde seus dias como aluno, professor e diretor da Esal (Escola Superior de Agricultura de Lavras), até o período em que serviu como secretário da Agricultura de Minas Gerais e líder do Ministério da Agricultura entre 1974 e 1979, Paolinelli se destacou como exemplo inspirador de excelência, dedicação e responsabilidade, lembrando-nos de que a superação de desafios pode ser realizada com visão, determinação e compromisso incondicional com o bem comum.

Sob o comando de Paolinelli, nova história foi escrita para nossa agropecuária. O Brasil se tornou líder mundial em pesquisa e inovação para a produção de alimentos em condições tropicais e superou a insegurança alimentar em prazo recorde, tornando-se também um grande exportador. Sua visão abriu caminho para expandir de forma extraordinária os limites de nossa agricultura, com ampliação da eficiência de nossos cultivos tradicionais e adaptação aos trópicos de cultivos e criações dos quais apenas países de clima temperado podiam usufruir.

A revolução concebida e iniciada por Paolinelli promoveu no Brasil um salto na produção agropecuária que não teve paralelo em nenhuma outra região do mundo, considerando o curto espaço de tempo em que ocorreu. No início dos anos 1960, quando tínhamos uma população de cerca de 70 milhões de habitantes, o país colheu 17,2 milhões de toneladas de grãos, cultivando uma área de aproximadamente 22 milhões de hectares. Em 2023, o Brasil tem 203 milhões de habitantes e acaba de produzir uma safra recorde, de 305 milhões de toneladas de grãos em cerca de 76 milhões de hectares.

Com esses avanços em eficiência, a agricultura brasileira foi capaz de responder às demandas de uma população urbana crescente, oferecendo alimentos mais acessíveis e baratos, o que contribuiu para a redução das pressões inflacionárias e para o alívio das desigualdades sociais no país. Além disso, a produção crescente de excedentes para exportação gera divisas e contribui para a segurança alimentar de uma população mundial em crescimento, algo que Paolinelli não se cansava de destacar como uma contribuição essencial do Brasil para a busca da paz global.

A trajetória de Paolinelli guarda muitas semelhanças com a de outro agrônomo ilustre, Norman Borlaug, Prêmio Nobel da Paz em 1970 e principal responsável pela Revolução Verde. Essa revolução, que ocorreu na segunda metade do século 20, impulsionou a produção de alimentos por meio da introdução de variedades e práticas agrícolas modernas, eliminando o espectro da fome para milhões de pessoas em todo o mundo. Os dois se admiravam, e Borlaug não se cansava de exaltar, por onde passava, a Revolução Verde Brasileira liderada por Paolinelli.

Felizmente os feitos revolucionários de Alysson Paolinelli foram reconhecidos em vida e lhe renderam prestigiosos prêmios, como o Prêmio Mundial da Alimentação, considerado o Nobel da Agricultura, em 2006, além de inúmeras distinções nacionais e internacionais. Nos últimos anos, se dedicou de forma incansável à defesa da sustentabilidade e da segurança alimentar mundial, esforço que levou à sua indicação ao prêmio Nobel da Paz em 2021.

O legado de Alysson Paolinelli é um lembrete poderoso de que a liderança autêntica vai além do indivíduo e transcende as fronteiras do tempo. Ele nos inspirou a investir nas pessoas, a fortalecer as instituições e a criar uma base sólida para que outros líderes continuem o trabalho de transformação iniciado. Com sua visão de futuro, seu compromisso com o bem-estar coletivo e sua dedicação incansável, Alysson Paolinelli nos mostrou que os verdadeiros líderes são aqueles que trabalham arduamente para criar um futuro melhor, capacitando outros a seguir seus passos e garantindo que o legado de transformação perdure para as próximas gerações.

Ao homenagear Alysson Paolinelli, reconhecemos não apenas suas realizações pessoais, mas também seu papel como um catalisador de mudanças positivas e um guardião do futuro. Sua liderança inspiradora e legado duradouro nos lembram que os verdadeiros líderes transcendem seu tempo e deixam um impacto que ressoa nas gerações futuras. Que seu exemplo inspire os líderes atuais e futuros a seguirem seus passos e a trabalharem para um mundo melhor, onde as sementes plantadas hoje floresçam em um futuro próspero e sustentável para todos.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Movimento pendular

Exemplos vindos de toda a parte e em todo o tempo ensinam que os países, ao longo de suas trajetórias históricas, experimentaram movimentos do tipo pendulares na política, ora oscilando numa direção, ora em outra, mas sempre mantendo e obedecendo a direção imposta pelos anseios da sociedade.

No Brasil essa dinâmica sadia nem sempre tem sido obedecida. Os anseios expressados pela maioria dos cidadãos não são exatamente aqueles que emanam dos Poderes do Estado. Há nesse quesito um reconhecido divórcio histórico entre as demandas da sociedade e aquilo que estabelecem as leis votadas no Legislativo, o que manda providenciar o Executivo e que passa a interpretar, como aceitável, o Judiciário. Analisando o tema do ponto de vista dessas alternâncias entre sístoles e diástoles ou entre o inspirar e expirar da nação, é fato que, em decorrência de fatores advindos de nossa formação histórica sui generis, é possível atestar na sociedade brasileira, com maiores ou menores graus nos patamares da nossa pirâmide social, a presença de um forte senso conservador em relação a elementos como família, costumes e mesmo no que diz respeito ao patriotismo.

Em outras palavras, o brasileiro é um indivíduo conservador e pouco afeito a modismos que possam abalar suas crenças. Querer convencer o brasileiro médio a embarcar nos modismos passageiros e na dinâmica acelerada do mundo é uma perda de tempo. Enquanto o mundo parece balançar atado ao pêndulo do tempo, os brasileiros ficam a observar, esperando para ver onde essas mudanças irão lançar a humanidade. As desconfianças acerca da agitação do planeta e mesmo a pouca crença nas autoridades e outros agitadores fizeram do brasileiro o que ele sempre foi: o Jeca Tatu, apegado às suas crenças, temeroso da justiça divina e sempre pronto a duvidar de todos e de tudo.

É preciso, no entanto, esclarecer que o termo conservador aqui não significa, como muitos teóricos da esquerda gostam de pregar, algo atrasado ou parado no tempo. O termo se liga muito mais à preservação daquilo a que os brasileiros emprestam um valor simbólico, fundamental até para a existência de cada um, como é o caso já mencionado dos costumes, da família, da preservação da vida, da religião, patriotismo e de outros elementos que sempre estiveram presentes na vida do cidadão comum, seja rico ou pobre, branco ou preto.

O que aconteceu, com a eleição para o Congresso, da maior bancada conservadora em meio século, prova que os brasileiros são avessos aos ventos vindos do Leste e ao entulho representado pelo o que restou da derrubada do Muro de Berlim. Levantamentos feito pelo Ibope há dois anos mostravam que 54% dos brasileiros de todas as classes expressavam posições conservadoras em relação a temas como aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, maioridade penal, pena de morte e outros temas relevantes. Isso é um fato comprovado por estatísticas e que podem muito bem ser aferidos por qualquer um que se ponha a pesquisar sobre o assunto.

Obviamente que alterações de curso, dentro do tecido social, como é o caso do aumento extraordinário dos índices de violência, fizeram a população mudar radicalmente de posição, considerando, pela primeira vez, tanto a pena de morte como a prisão perpétua para crimes hediondos, como única saída possível para consertar o país.

A eleição de Bolsonaro em 2018 provou que existe de fato uma onda de conservadorismo latente, e que esteve adormecida desde 1964. Para os analistas, que observam esse renascimento conservador, a questão agora é saber como esses players — que voltaram a colocar a cara na janela — irão tratar de temas históricos como a desigualdade social. Também fica-se na expectativa de como os conservadores irão superar o problema da disparidade e da concentração de renda, ou do aborto versus pena de morte buscando coerência nas verdadeiras crenças cristãs.

No tocante à agenda liberal, que é também um elemento do conservadorismo, como ficarão temas como a diminuição do Estado, o fim de privilégios e sobretudo o fim da corrupção e outros vícios enraizados em nossa máquina pública. O saudoso Betinho costumava dizer que democracia não combina com fome e desigualdades. Nesse caso, se os conservadores conseguirem, de fato, reduzir esses abismos existentes no país entre pobres e ricos, encontrarão o caminho livre para mais votos na urna. Caso contrário, o pêndulo irá seguir sua trajetória, oscilando para o outro lado.

Desarmar os espíritos é um bom começo, mas não resolve quando o assunto em jogo são interesses humanos. Nesse sentido é tão importante desarmar a agressividade dos homens, como desarmar e desaparelhar as instituições do Estado, livrando-as da ascendência maléfica de ideologias, sobretudo aquelas que vieram de um mundo distante e que os conservadores creem que foram erguidas para transformar em ruínas tudo o que mais prezam.

» A frase que foi pronunciada

"Não, não há duas morais. Para os estados, como para os indivíduos, repito, na paz, como na guerra, a moral é uma só."

Rui Barbosa

» História de Brasília

Para a construção das casas de alvenaria, informaram que não havia madeira, e existia, em estoque, cimento, tijolos, areia, etc. Mas se forem dar busca nos documentos, encontrarão compra de material para essas casas em importância superior à que se construíssem de madeira. (Publicada em 21.03.1962)